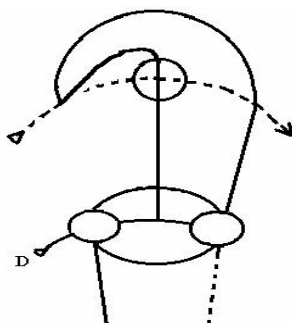


Lição VIII

14 de Janeiro de 1959



Já que falamos muito, das últimas vezes, do desejo, vamos começar a abordar a questão da interpretação. O grafo deve nos servir para alguma coisa ¹.

O que vou lhes dizer hoje sobre um exemplo, a saber, sobre a interpretação de um sonho, quero introduzi-lo por algumas observações sobre aquilo que resulta das indicações que nos dá Freud, precisamente, sobre a interpretação do sonho.

Eis, de fato, mais ou menos, o sentido da observação de Freud que eu viso atualmente: está no capítulo VI, onde ele se interessa pelo sentimento intelectual observando o sonho ². Por exemplo: no momento em que o sujeito relata um sonho, ele tem um sentimento de que aí falta alguma coisa que esqueceu, ou que alguma coisa é ambígua, duvidosa, incerta. Em todos esses casos, nos diz Freud, o que é denunciado pelo sujeito a propósito do sonho, concernente à sua incerteza, sua dúvida, sua ambigüidade – a saber, “é isso ou aquilo”, “eu não me lembro mais”, “eu não consigo mais dizer” – mesmo o seu grau de realidade, isto é, o grau de realidade com o qual ele foi visto, que isso tenha sido alguma coisa que se afirma no sonho com um tal grau de realidade que o sujeito nota, ou, ao contrário, que isso tenha sido um sonho [...], tudo isso, nos diz Freud, em todos esses casos, devem ser tomados como enunciando aquilo que Freud chama “um dos pensamentos latentes do sonho”.

O que, em suma, é dito pelo sujeito em nota marginal, no que diz respeito ao texto do sonho, a saber, todos os acentos de tonalidade, aquilo que em uma música se acompanha de anotações como *allegro*, *crescendo*, *decrescendo*, tudo isso faz parte do texto do sonho. Eu não acho que para a maioria dentre vocês, que eu suponho já terem tomado conhecimento da *Traumdeutung* da técnica, isso seja novo. Aí está alguma coisa de verdadeiramente fundamental para aquilo que é a interpretação de um sonho. Eu só faço, portanto, lembrar, pois não tenho tempo para dar os exemplos disso, que estão em Freud, e lhes reenvio ao texto da *Traumdeutung*. Vocês verão o uso que Freud faz desse lembrete essencial.

¹ Esquema dado tal qual no começo da lição na retranscrição da estenotipia.

² “Die intellektuellen Leistungen im Traum” in *Traumdeutung* G.W. II-III, chap. vi, § G. “Absurde Träume”, p. 428.

Ele interpreta o sonho integrando o sentimento de dúvida, por exemplo, que há no sonho no momento em que o sujeito o conta, como um dos elementos do sonho sem o qual o sonho não saberia ser interpretado.

Nós partimos, portanto, da interpretação freudiana, e nos colocamos a questão de saber o que isso implica. Não basta aceitar esse fato ou essa regra de conduta como devendo ser recebida religiosamente, como o fizeram muitos discípulos de Freud, sem buscar ver mais além, confiando no inconsciente, de certa forma. O que é que isso implica que Freud nos diga? Não é somente a tensão do inconsciente de vocês que está aí no momento em que sua lembrança do sonho escapa, ou, ao contrário, se põe sob uma certa rubrica, sob um certo acento. Ele diz: “isso faz parte dos pensamentos latentes do próprio sonho”. É, portanto, aqui, que aquilo que nos conveio chamar o grafo, nos permite precisar, articular de um modo mais evidente, mais certo, aquilo de que se trata quando Freud nos dá uma tal regra de conduta na interpretação do sonho.

Eis, de fato, o que nós podemos dizer. O quê nós fazemos quando comunicamos um sonho, seja dentro ou fora da análise? (Não esperamos a análise para que pudéssemos dar da enunciação de um sonho uma fórmula que a especifica no conjunto das enunciações possíveis como tendo uma certa estrutura em relação ao sujeito). Naquilo que nós podemos, em um discurso, trazer como enunciados importantes, podemos legitimamente distinguir isso que, dentre esses enunciados concernentes a acontecimentos importantes, há alguns que têm o valor de fato digno de ser distinguido sob a atenção do registro significante. São os enunciados que podemos por sob essa rubrica geral do discurso indireto; são os enunciados que dizem respeito às enunciações de outros sujeitos; é o que é relação das articulações significantes de algum outro. E muitas coisas se introduzem por aí, incluindo outros enunciados, isto é, o ouvir dizer: “Me contaram...”, “fulano atestou que isso aconteceu...”, “fulano ou sicrano...”. Aquilo que é a forma, ou uma das formas mais fundamentais do discurso universal, a maioria das coisas das quais nós mesmos devemos perceber como fazendo parte daquilo que recolhemos da tradição dos outros. Digamos, portanto, uma relação de enunciado puro e simples, fatural, que tomamos por nossa conta, e, por outro lado, isso comportando, de um modo latente, a dimensão da enunciação que não é obrigatoriamente posta em evidência, mas que põe-se tão logo se trata de relatar o enunciado de outra pessoa. Pode ser também do nosso de que se trata. Nós podemos dizer que dissemos tal coisa, e que portamos testemunho diante de tal outro, e nós podemos mesmo fazer-nos a enunciação de que o enunciado que fizemos é completamente falso. Nós podemos testemunhar que nós mentimos.

Uma dessas possibilidades é aquela que retém nossa atenção no momento. O que é que fazemos da enunciação de um sonho? Nós fazemos alguma coisa que não é única de sua classe, pelo menos no modo que vamos ter para defini-la agora. Pois de um modo pelo qual é interessante sublinhar que é a maneira espontânea que temos perante um sonho, antes que tenhamos entrado na querela dos sábios – a saber, o sonho não tem nenhuma significação, é um produto da decomposição da atividade psíquica, que é a posição dita científica que foi mantida durante um período bastante curto da história – Freud fazia notar, ele mesmo, que ele não fazia senão juntar-se à tradição. Já é uma coisa considerável o que adiantamos no momento, a saber, que a tradição nunca deixou de colocar, ao menos no que diz respeito ao sonho, um ponto de interrogação quanto à sua significação.

Em outros termos, o que enunciamos produzindo um enunciado do sonho é alguma coisa ao que é dado – na forma mesmo sob a qual a produzimos a partir do momento em que contamos nosso sonho para outra pessoa – esse ponto de interrogação, que não é qualquer

um, que supõe que alguma coisa está sob esse sonho, do qual esse sonho é o significante. Eu quero dizer, nós podemos escrever isso na nossa formalização, que se trata de uma enunciação de um [enunciado], que tem, ele mesmo, um índice de enunciação que é suposto, ele mesmo, tomar valor, é claro, não fatual, eventual.

É preciso que nós aí acrescentemos um acento suplementar para contar isto de uma maneira e numa dimensão puramente descritiva. A atitude que resta espontânea, a atitude tradicional, tão ambígua da pequena criança que começa a lhes contar seus sonhos, que lhes diz: “esta noite eu sonhei”. Se observarmos as coisas, tudo se passa como se em algum momento houvesse sido descoberto para a criança a possibilidade que tem de expressar essas coisas, e é a tal ponto que muito freqüentemente não podemos realmente saber, na idade em que começa essa atividade confidencial da criança relativa aos seus sonhos, se, afinal de contas, o que ela lhes conta é verdadeiramente alguma coisa que sonhou ou alguma coisa que lhes traz porque sabe que sonhamos e que podemos contar os sonhos.

Esses sonhos da criança tem o caráter de estar no limiar da fabulação, como o contato com uma criança o faz sentir. Mas, justamente, se a criança o produz assim e o conta assim, é com o caráter deste pequeno *e* índice de enunciação $E(e)$. Alguma coisa está além. Com isto justamente ele joga com vocês o jogo de uma questão, de uma fascinação. E, para dizer tudo, a fórmula de toda espécie de relação concernente ao sonho, que ela seja intra ou extra-analítica, sendo esta aqui, $E(e)$, o que diremos ser a fórmula geral de alguma coisa que, portanto, não é particular ao sonho, é aquela do enigma.

A partir daí, o que significa aquilo que Freud quer dizer? Vejamos isto sobre o nosso pequeno grafo que assim se propõe no caso, a saber, que se nós supomos que a produção do sonho..., para ver como vamos nos servir deste grafo para aí projetar os diferentes elementos dessa formalização. Pode aí haver vários modos. O interesse estrutural do grafo é que é uma estrutura que nos permite detectar a relação do sujeito com o significante, na medida em que, necessariamente, tão logo o sujeito é tomado no significante – e é essencial que ele aí o seja, é o que o define, é a relação do indivíduo com o significante, uma estrutura. E uma rede neste momento se impõe, que permanece de certa forma sempre fundamental.

Tratemos, aqui, de ver como podemos repartir as diversas funções interessadas na enunciação do sonho no dito grafo, neste caso. Aquilo de que se trata, um ponto pivô, o enunciado, eu diria, total, o sonho – neste fato, enquanto criação espontânea, se apresenta como alguma coisa que, no seu primeiro aspecto, tem um caráter de relativa totalidade – ele é o fato de um certo bloco. Dizemos: “eu fiz um sonho”, nós o distinguimos do outro sonho que seguiu e que não é o mesmo. Ele tem o caráter desse discurso, ele se reflete na medida em que nada faz, aí, aparecer, no momento em que o fazemos, este fracionamento, esta decomposição do significante sobre a qual temos todos os tipos de índices retroativos de que esse fracionamento é, aí, incidente na função de todo discurso. Mas o discurso, na medida em que o sujeito aí se apegue, suspende a cada instante nossa escolha no momento de impelir um discurso, sem isso, nosso modo de comunicar teria algo de diferentemente árduo.

Esse sonho, ele nos é dado como um todo. É esse enunciado que se produz, se assim posso dizer, no nível inferior do grafo. É uma cadeia significante que se apresenta sob esta forma ainda mais global posto que ela é fechada, ela se apresenta justamente sob a forma habitual da linguagem, ela é alguma coisa sobre o que o sujeito tem de fazer um relato, uma enunciação, se situar em relação a ela, fazê-lo passar para vocês justamente com todos seus

acentos, que ele tem para aí colocar o mais ou menos de adesão àquilo que ele lhes conta. Isto é, que, em suma, é ao nível do discurso para o outro, que também é o discurso onde o sujeito o assume, esse sonho, que vai se produzir este algo que acompanha o sonho e o comenta, de certa forma, de sua posição mais ou menos assumida pelo sujeito. Isto é, que aqui, durante o ponto daquilo que se passou, ele se apresenta já, ele mesmo, no interior disto, como um enunciado do sonho. É aqui, no discurso onde o sujeito o assume para vocês, para quem ele conta-o, que vamos ver produzirem-se esses diferentes elementos, essas diferentes acentuações que são sempre as acentuações de mais ou menos assunção pelo sujeito. Pareceu-me que isso se passou naquele momento.

Naquele momento tudo se passou como se tal sujeito era ao mesmo tempo tal outro, ou se transformava em tal outro. É o que chamei, há pouco, seus acentos; esses diversos modos de assunção do vivido do sonho pelo sujeito se situam aqui na linha, que é aquela do Eu [J] da enunciação, na medida em que, justamente perante esse evento psíquico, ele o assume mais ou menos na sua enunciação.

O que quer isso dizer, senão que o que temos aí é justamente aquilo que no nosso grafo se apresenta sob a forma da linha despedaçada, descontínua, que ele lhes indica como sendo a característica daquilo que se articula no nível da enunciação, enquanto interessa ao significante? Pois, notem isto, se é verdade que o que justifica a linha inferior, aquela sobre a qual, a cada ocasião, colocamos essa retroação do código sobre a mensagem que a cada instante dá à frase o seu sentido, essa unidade frásica [*unité phrastique*] é de amplitude diversa: no final de um longo discurso, no fim do meu seminário ou no fim dos meus seminários, há alguma coisa que encerra, retroativamente, o sentido daquilo que lhes enunciei antecipadamente, mas até um certo ponto, de cada uma das partes do meu discurso, cada um dos parágrafos, há alguma coisa que se forma. Trata-se de saber a que grau, o mais reduzido, é preciso nos determos para que esse efeito que chamamos o efeito de significação, na medida em que é alguma coisa de essencialmente novo, que vai além daquilo que chamamos os empregos do significante, constitui uma frase, constitui justamente essa criação de significação feita na linguagem.

Onde isto pára? Isto pára evidentemente na menor unidade que seja, e que é a frase, justamente nessa unidade que na ocasião se apresenta aí de um modo totalmente claro na relação do sonho sob a forma disto que o sujeito assume ou não assume, ou crê ou não crê, ou relata alguma coisa, ou duvida daquilo que ele nos conta. O que eu quero dizer na ocasião é que esta linha ou argola [*baudé*] da enunciação, ela se faz sobre fragmentos de frases que podem ser mais curtos que o conjunto daquilo que é contado. O sonho, a propósito de tal ou qual parte do sonho, lhes traz uma assunção pelo sujeito, uma tomada enunciativa de um alcance mais curto que o conjunto do sonho. Em outros termos, ela introduz uma possibilidade de fragmentação, de amplitude muito mais curta no nível superior que no nível inferior.

Isto nos põe sob a via daquilo que implica Freud, dizendo que esse acento de assunção pelo sujeito faz parte dos pensamentos latentes do sonho. E nos diz que é no nível da enunciação e que implica essa forma de valorização do significante que é implicada pela associação livre; é, a saber, que se a cadeia significante tem dois aspectos:

- aquilo que é a unidade de seu sentido, a significação frásica [*signification phrastique*], o monolitismo da frase, o holofrasismo³, ou, mais exatamente, a saber, que uma frase pode ser tomada como tendo um sentido único, como sendo alguma coisa que forma um significante, digamos transitório, mas que, enquanto existe, é ligado a si só, como tal;

- e a outra face do significante, que chamamos associação livre, implica que [para] cada um dos elementos dessa frase, e tão longe quanto podemos ir na decomposição, detendo-nos, estritamente, no elemento fonético, alguma coisa pode intervir que, fazendo saltar um desses significantes, aí implanta, no lugar, um outro significante que o suplanta. E é aí que repousa a propriedade do significante: é alguma coisa que se refere a esse lado aí do querer do sujeito. Alguma coisa, um incidente a cada instante o recruza, que implica – sem que o sujeito o saiba, e de um modo para ele inconsciente – que nesse discurso mesmo, dirigido para além de sua intenção, alguma coisa na escolha desses elementos intervem, do qual queremos emergir, à superfície, os efeitos, sob a forma, por exemplo, a mais elementar, do lapso fonemático: que se trate de uma sílaba mudada em uma palavra que mostra aí a presença de uma outra cadeia significante que pode vir recortar-se com a primeira e enxertar, implantar um outro sentido.

Isto nos é indicado por Freud: de quem, ao nível da enunciação, ao nível em aparência, portanto, o mais elaborado da assunção do sujeito (ao ponto em que o Eu [J] se põe como consciente em relação a, não diremos sua própria produção, já que justamente o enigma resta inteiro), de quem é esse enunciado do qual falamos? O sujeito não determina. Se ele diz: “eu sonhei”, é com uma conotação e um acento próprio que faz com que aquele que sonhou, seja no entanto, em relação a ele que alguma coisa se apresenta como problemática. O sujeito dessa enunciação contida no enunciado de que se trata, e com um ponto de interrogação, foi por muito tempo considerado como sendo “o Deus”, antes de se tornar o “ele mesmo” do sujeito (é mais ou menos com Aristóteles).

Para voltar a esse além do sujeito, que é o inconsciente freudiano, toda uma oscilação, toda uma vacilação se produz que não deixa por menos uma permanente questão de sua alteridade. E aquilo que disso o sujeito retoma em seguida, é da mesma natureza despedaçante, tem o mesmo valor de elemento significante que o que se produz no fenômeno espontâneo de substituição, de desarranjo do significante, que é aquilo que Freud nos mostra, por outro, lado ser a via normal para decifrar o sentido do sonho. Em outros termos, o fracionamento que se produz ao nível da enunciação – na medida em que a enunciação é assunção do sonho pelo sujeito – é alguma coisa sobre a qual Freud nos diz que está sobre o mesmo plano e da mesma natureza que isso, o qual o resto da doutrina nos mostra que é a via da interpretação do sonho, a saber, a decomposição significante máxima, a soletração [*épellement*] dos elementos significantes na medida em que é nessa soletração que vai residir a colocação em valor das possibilidades do sonho; isto é, desses entrecruzamentos, desses intervalos que deixam e que só aparecem enquanto a cadeia significante é posta em relação, é recortada, entrecruzada por todas as outras cadeias que, a respeito de cada um dos elementos do sonho, podem se entrecruzar, se embaraçar com a primeira.

Em outros termos, é na medida em que, e de um modo mais exemplar a propósito do sonho do que em relação a qualquer outro discurso, é na medida em que o discurso do

³ **Holophrastique = holos + phrasis:** Diz-se das línguas em que uma palavra, graças à sua raiz e seus diversos afixos tem o sentido de uma frase.

sujeito, no discurso atual, nós fazemos vacilar, deixamos se desenganchar da significação atual aquilo que é de interesse do significante nessa enunciação, é nessa via que nos aproximamos daquilo que, no sujeito, é chamado, na doutrina freudiana, “inconsciente”.

É na medida em que o significante é concernido, está nas possibilidades de ruptura, nos pontos de ruptura desse inconsciente, que jaz aquilo sobre o que a pista do que nós estamos, aquilo que estamos aí para buscar, a saber, aquilo que aconteceu de essencial no sujeito que mantém certos significantes no recalque. E esse algo vai nos permitir ir sobre a via precisamente de seu desejo, a saber, dessa alguma coisa do sujeito que, nesta tomada pela rede significante, é mantida, deve, por assim dizer, para ser revelada, passar através dessas malhas, é submetida a essa filtragem, a essa peneiração do significante, e é o que nós temos por objetivo restituir e restaurar no discurso do sujeito.

Como podemos fazê-lo? O que significa que possamos fazê-lo?

Eu lhes disse: o desejo é essencialmente ligado pela doutrina, pela prática, pela experiência freudiana, nesta posição: ele é excluído, enigmático, ou ele se põe em relação ao sujeito como sendo essencialmente ligado à existência do significante, recalcado como tal, e sua restituição, sua restauração é ligada ao retorno desses significantes.

Mas não é dizer que a restituição desses significantes enuncia pura e simplesmente o desejo. Outra coisa é aquilo que se articula nesses significantes recalcados e que é sempre uma demanda. Outra coisa é o desejo, enquanto alguma coisa pelo que o sujeito se situa, pelo fato da existência do discurso, em relação a essa demanda. Não é daquilo que ele demanda de que se trata, é daquilo que ele é em função dessa demanda e o que ele é na medida em que a demanda é recalcada, é mascarada, e é isso que se expressa de um modo fechado no fantasma do seu desejo; é sua relação com um ser do qual não seria questão se não houvesse a demanda, o discurso que é fundamentalmente a linguagem, mas do qual ele começa a ser questão a partir do momento em que a linguagem introduz essa dimensão do ser e ao mesmo tempo a toma dele. A restituição do sentido do fantasma, isto é, de alguma coisa imaginária, vem entre as duas linhas, entre o enunciado da intenção do sujeito e esse algo que, de uma maneira decomposta, ele liga essa intenção profundamente fracionada, fragmentada, refratada pela língua. Entre os dois está esse fantasma onde, habitualmente, ele suspende a sua relação com o ser.

Mas esse fantasma é sempre enigmático, mais que qualquer outra coisa. E o que ele quer? Isto: que nós o interpretemos! Interpretar o desejo é restituir aquilo ao qual o sujeito não pode acessar por si só, a saber, o afeto que designa, ao nível desse desejo que é o seu – eu falo do desejo preciso, que intervém em tal ou qual incidente da vida do sujeito, do desejo masoquista, do desejo suicida, do desejo oblativo quando se oferece a ocasião. Trata-se de que isso que se produz sob esta forma fechada para o sujeito, retomando seu lugar, seu sentido em relação ao discurso mascarado que está envolvido nesse desejo, retome seu sentido em relação ao ser, confronte o sujeito em relação ao ser, retome o seu sentido verdadeiro, aquele que é, por exemplo, definido por aquilo que chamarei os afetos posicionais em relação ao ser. É isto que nós chamamos amor, ódio ou ignorância essencialmente, e muitos outros termos ainda, os quais será necessário que os examinemos e cataloguemos. Na medida em que aquilo que chamamos o afeto não é esse algo de pura e simplesmente opaco e fechado que seria um tipo de além do discurso, uma espécie de conjunto, de núcleo vivido, o qual não saberíamos de que céu nos cai, mas na medida em que o afeto é, muito precisamente, e sempre alguma coisa que se conota em uma certa posição do sujeito em relação ao ser. Eu quero dizer em relação ao ser, na medida em que o

que se propõe a ele, na sua dimensão fundamental, é simbólico, ou, ao contrário, no interior desse simbólico, ele representa uma irrupção do real, dessa vez, muito incômoda. É bem difícil não se aperceber que um afeto fundamental como o da raiva não é outra coisa que isto: o real que chega no momento onde fizemos uma belíssima trama simbólica, na qual tudo vai muito bem, a ordem, a lei, nosso mérito e nosso bem querer... De repente percebemos que os pinos não entram nos encaixes! É essa a origem do afeto da raiva: tudo se apresenta bem para o convés dos barcos no Bósforo ⁴, mas há uma tempestade que faz o mar revolto. Toda cólera é tornar o mar revolto!

E também é alguma que diz respeito à intrusão do próprio desejo, e que é também alguma coisa que determina uma forma de afeto sobre a qual retornaremos. Mas o afeto é essencialmente e como tal, pelo menos para toda uma categoria fundamental de afetos, conotação característica de uma posição do sujeito, de uma posição que se situa (se nós vímos essencialmente as posições possíveis) nesse envolvimento, nessa elaboração, execução dele próprio em relação às linhas necessárias que lhe impõem como tal seu envolvimento no significante.

Vejam agora um exemplo. Este exemplo, eu o tomei na posteridade de Freud. Ele nos permite articular bem aquilo que é o [desejo na] análise. E para proceder de um modo que não deixa lugar a uma escolha mais especialmente arbitrária, tomei o capítulo V de *Dream Analysis* ⁵ de Ella Sharpe, onde o autor toma como exemplo a análise de um sonho simples – quero dizer, de um sonho que ela toma como tal, impelindo, tanto quanto possível, até o final, a sua análise. Vocês entenderão bem que nos capítulos anteriores ela mostrou um certo número de perspectivas, de leis, de mecanismos, por exemplo, a incidência do sonho na prática analítica, ou mesmo além, os problemas apresentados pela análise do sonho, ou daquilo que se passa no sonho de pessoas analisadas. O que faz o ponto pivô desse livro é justamente o capítulo em que ela nos dá um exemplo singular de um sonho exemplar no qual ela põe em questão, na obra, ela ilustra tudo aquilo que pode ter, por outro lado, a nos produzir concernente à maneira pela qual a prática analítica nos mostra que devemos ser efetivamente guiados na análise de um sonho – e, nomeadamente, isso de essencial que é o que o praticante traz de novo depois da *Traumdeutung* que um sonho não é simplesmente alguma coisa que se revelou ter uma significância (é a *Traumdeutung*), mas alguma coisa que, na comunicação analítica, no diálogo analítico, vem exercer o seu papel atual, não em tal momento da análise como a tal outro, e que justamente o sonho vem de um modo ativo, determinado, acompanhar o discurso analítico para esclarece-lo, para prolongar seu caminhar, que o sonho é um sonho, afinal de contas, feito não somente para a análise, mas muitas vezes para o analista.

O sonho, no interior da análise, se encontra, em suma, portador de uma mensagem. O autor em questão não recua, não mais que os autores que desde então tiveram de falar da análise dos sonhos. Trata-se somente de saber qual o pensamento, qual acento nós lhe daremos. E vocês o sabem, eu chamei a atenção para isso na minha exposição em Royaumont, não é a questão menor, a que põe a questão do pensamento em relação ao sonho, que certos autores crêem poder desviar-se na medida em que aí vêem alguma coisa como sendo uma atividade.

⁴ HERÓDOTO, *L'Enquête* VII, 34-35 (trad. ^a Barguet), Paris, 1964, La Pléiade, Gallimard.

⁵ SHARPE FREEMAN, E., *Dream Analysis* (1973), London, 1978, The Hogart Press and the Institute of Psycho-analysis.

Pelo menos, seguramente, é alguma coisa... Eu quero dizer que o fato efetivamente de que o sonho se apresenta como matéria para discurso, como matéria para elaboração discursiva, é algo que, se nós não nos apercebermos que o inconsciente não está em nenhum outro lugar senão nas latências, não de não sei qual trouxe psíquica onde ele estaria no estado inconstituído, mas sim de fato enquanto que inconsciente a quem ou – é uma outra questão – imanente à formulação do sujeito, ao discurso dele mesmo, à sua enunciação, nós veremos como é, pois sim, legítimo tomar o sonho, como ele sempre foi considerado, como “a via real” para o inconsciente.

Eis, portanto, como a coisas se apresentam nesse sonho que nos é apresentado pela autora. Eu vou começar lendo o sonho em si, vou mostrar o modo pelo qual os problemas se apresentam a seu respeito. Ela nos dá primeiramente um breve aviso sobre o sujeito, sobre o que teremos de fazer grande caso. Todo o capítulo deverá, por sinal, ser revisto, criticado, para nos permitir captar de que forma aquilo que ela nos enuncia é, ao mesmo tempo, melhor do que em qualquer outro registro, aplicável às referências que são as nossas – e ao mesmo tempo como esses pontos de referência talvez possam nos permitir nos orientar melhor.

O paciente chega em sua sessão, nesse dia, em certas condições que lembrarei daqui a pouco. É somente depois de certas associações, das quais vocês verão que elas são extremamente importantes, que ele se lembra: **“Isto me lembra...”** – retornarei a essas associações naturais.

“Eu não sei porque, acabei justamente de pensar, diz ele, no meu sonho da última noite. Foi um sonho terrível, *tremendous* ⁶. Eu devo ter sonhado durante uma eternidade [...]; eu não vou lhe incomodar com isso pelo bom motivo de que eu não me lembro mais. Mas era um sonho muito excitante, cheio de incidentes e muito interessante. Eu acordei quente e suando...”

Ele diz que não se lembra dessa infinidade de sonho, desse mar de sonho, mas aquilo que surge é isto, [é] uma cena bastante curta que ele vai nos contar.

“Eu sonhei que *fazia uma viagem com a minha mulher...*”. Há aí uma nuance muito bonita que talvez não seja acentuada o bastante quanto à ordem normal dos complementos na língua inglesa. Eu acredito não me enganar, no entanto, dizendo *“eu havia empreendido uma viagem com a minha mulher em volta do mundo...”* é alguma coisa que merece observação. Há uma diferença entre *“uma viagem ao redor do mundo com minha mulher”*, o que pareceria a ordem francesa normal dos complementos circunstanciais e, *“eu empreendi uma viagem com minha mulher ao redor do mundo...”*. Eu acredito que aqui a sensibilidade da orelha em inglês, deve ser a mesma.

“[...] nós chegamos à Tchecoslováquia onde aconteciam coisas de todo tipo. Eu encontrava uma mulher numa estrada, uma estrada que agora me faz lembrar a estrada que lhe descrevi nos outros dois sonhos há algum tempo, e nos quais eu tinha um jogo sexual com uma mulher diante de uma outra mulher”. Nisso, é com razão que a autora muda a tipografia, pois há uma reflexão lateral: **“É como se passa nesse sonho”**.

⁶ *Tremendous* 1. Enorme, gigantesco, interminável. 2. Terrível.

VIII - 14 de janeiro de 1959

“*Desta vez (ele retoma o conto do sonho) minha mulher estava aí, enquanto o evento sexual se produzia. A mulher que eu encontrava tinha um aspecto muito apaixonado, very passionned looking*”. E aí, mudança tipográfica, com razão, porque é um comentário, e já é uma associação. **“Isso me fazia lembrar uma mulher que eu havia visto na véspera, em um restaurante. Ela era morena, dark, e tinha os lábios muito cheios, muito vermelhos, passionned looking** (mesma expressão, mesmo aspecto apaixonado), **e é evidente que se eu tivesse lhe encorajado minimamente, ela teria respondido. Ela pode mesmo ter estimulado este sonho. Neste sonho a mulher queria ter comigo uma relação sexual, e ela tomava a iniciativa, o que, como você sabe, é uma coisa que me ajuda grandemente**”; e ele comenta: **“se a mulher quer mesmo fazer isto, eu sou grandemente ajudado”**’.

“**No sonho, a mulher realmente estava sobre mim; isto acaba justamente de me vir ao espírito. Ela tinha evidentemente a intenção de se introduzir meu pênis. [...] eu não estava de acordo, mas ela estava muito desapontada, de forma que eu pensava que eu deveria masturbá-la, but she was so disappointed I thought I would masturbated her?**”.

Aqui, retomada do comentário: **“Isto soa muito mal, wrong, usar esse verbo de modo transitivo, devemos dizer: “I masturbated, eu me masturbava”**. O próprio do verbo em inglês é não ter a forma reflexiva que tem na língua francesa. Quando dizemos *I masturbate*, em Inglês, isto quer dizer, “eu me masturbo”. [...] **Isto é perfeitamente correto, mas é perfeitamente incorreto**, ele faz notar, **usar a palavra transitivamente**”⁷. O analista não deixa de hesitar sobre essa observação do sujeito... E o sujeito, a propósito, faz, de fato, algumas observações confirmativas; ele começa a associar sob suas próprias masturbações. E, por sinal, ele não fica por aí.

Eis o enunciado desse sonho. Ele deve provocar o interesse daquilo que vamos dizer. É, devo dizer, um modo de exposição perfeitamente arbitrário, de uma certa forma eu poderia deixar isso passar. Não acreditem também que seja a via sistemática sobre a qual eu lhes aconselho se apoiarem para interpretar um sonho. É somente história, questão de jogar uma baliza que mostra o que vamos procurar ver e demonstrar.

Da mesma forma que no sonho de Freud, tomado em Freud, sonho de morte, quando falamos, pudemos designar de um modo que vocês puderam ver ao mesmo tempo que não falta artifício, quais os significantes do ele é morto “segundo seu voto”, que seu filho o desejava, da mesma forma igualmente aqui, de uma certa forma o veremos, o ponto onde culmina de fato o fantasma do sonho, a saber, *“Eu não estava de acordo, mas ela estava muito desapontada, de forma que eu pensava que devia masturbá-la”*, com a observação de que o sujeito faz de imediato que **“é perfeitamente incorreto empregar este verbo transitivamente”**. Toda a análise do sonho vai nos mostrar que é de fato restabelecendo essa intransitividade do verbo que nós encontramos o sentido verdadeiro daquilo de que se trata.

“*Ela está muito desapontada...*” de quê? Parece que todo o texto do sonho o indica suficientemente. A saber, do fato que nosso sujeito não é de forma alguma participante, apesar dele indicar que tudo no sonho seja feito para incitá-lo a isso – a saber, que seria

⁷ “*It sounds quite wrong to use that verb transitively. One can say ‘I masturbate’ and that is correct, but it is all wrong to use the word transitively*”.

normalmente muito ajudado numa tal posição. Sem dúvida estaria aí aquilo de que se trata, e nós diremos que a segunda parte da frase cai bem, naquilo que Freud nos articula como sendo uma das características da formação do sonho, é, a saber, a elaboração secundária: que ele se apresenta como tendo um conteúdo compreensível.

No entanto, o sujeito nos faz notar, ele mesmo, que isto não é só isso, já que o próprio verbo que emprega é alguma coisa da qual ele nos indica que não acha que esse emprego soe bem. Segundo mesmo a aplicação da fórmula que nos dá Freud, devemos reter essa observação do sujeito como nos colocando na via, no traço daquilo de que se trata, a saber, do pensamento do sonho. E ali está o desejo. Dizendo-nos que "*I thought*" deve comportar como continuação que a frase seja restituída sob a forma: *I thought she could masturbate*, o que é a forma normal na qual o desejo se apresentaria, "Que ela se masturbe, se ela não está contente!", o sujeito nos indica aqui com bastante energia que a masturbação diz respeito a uma atividade que não é transitiva no sentido de passando do sujeito sobre um outro, mas, como ele se expressa, intransitiva. O que quer dizer, na ocasião, uma atividade do sujeito sobre ele mesmo. Ele a sublinha muito bem: quando dizemos *I masturbated*, isto quer dizer "eu me masturbei".

Isso é um processo de exposição, pois o importante não é, é claro, decidir sobre esse sujeito – ainda que, repito, seja importante nos apercebermos que aí, já, imediatamente, a primeira indicação que nos dá o sujeito seja uma indicação no sentido da retificação da articulação significante.

O que é que isto nos permite, essa retificação? É mais ou menos isto: tudo aquilo que nós vamos agora ter de considerar é, na primeira abordagem, a entrada em jogo dessa cena, dessa sessão. A autora no-la dá por uma descrição que não é necessariamente uma descrição geral do comportamento de seu sujeito; mesmo ela foi até ao ponto de nos dar um pequeno preâmbulo daquilo que diz respeito à sua constelação psíquica. Em suma, nós teremos de voltar a isso, já que o que ela pôs nas suas premissas se reencontrará nos seus resultados, e nós teremos de criticá-los.

Para ir de imediato ao essencial, quero dizer, àquilo que vai nos permitir avançar, vamos dizer que ela nos faz notar que esse sujeito é um sujeito evidentemente muito hábil, e que tem um comportamento..., veremos cada vez melhor à medida em que vamos centrar as coisas. É um senhor de uma certa idade, já casado, que tem uma atividade na corte. E ela nos diz, isso vale a pena realçar nos termos próprios dos quais o sujeito se serve, que "tão logo o sujeito começou sua atividade profissional, ele desenvolveu graves fobias. Apresentando as coisas brevemente (é nisso que se limita a exposição do mecanismo da fobia), isso significa, diz ela (e nós confiamos nela, pois é uma das melhores analistas, uma das mais intuitivas e penetrantes que tem existido), não que ele não ouse trabalhar com sucesso, *successfully*; mas que ele deve parar de trabalhar, porque ele não seria senão por demais *successful*.

A nota que a analista traz aqui, que isso não é de uma afinidade ao fracasso de que se trata, mas que o sujeito pára, se assim podemos dizer, diante da possibilidade imediata de colocação em relevo de suas facilidades, é alguma coisa que merece ser retida. Vocês verão qual uso faremos disto em seguida.

Deixemos de lado aquilo que, desde o início, a analista indica como sendo alguma coisa que aqui pode ser posta em relação ao pai. Nós voltaremos a isso. Saibamos somente que o pai morreu quando o sujeito tinha três anos e que durante muito tempo o sujeito não faz senão

dizer desse pai que “ele está morto”. O que, com razão, retém a atenção da analista, nesse sentido em que ela entende, por aí, aquilo que é bem evidente, que ele não quer, de forma alguma, que seu pai tenha vivido – isso não parece de forma alguma poder ser contestado – e que “quando ele se lembra da vida de seu pai, seguramente, diz ela, é um evento totalmente *starling* isso o apavora, produz nele como que um tipo de pavor.

Bem rapidamente a posição do sujeito da análise implicará que o voto de morte que o sujeito pôde ter perante seu pai está vindo à tona aí, com toda sua energia, e desse esquecimento, e de toda articulação de seu desejo, na medida em que o sonho o revela. Entendamos bem portanto que nada, vocês vão ver, nos indica, de forma alguma, essa agressiva intenção, enquanto estando na origem de uma certa retorção. É justamente o que um estudo atento do sonho vai nos permitir precisar. De fato, o que nos diz a analista desse sujeito? Ela nos diz isto: “Neste dia, como nos outros dias, eu não o ouvi chegar”. Aí, pequeno parágrafo muito brilhante no que diz respeito à apresentação extra verbal do sujeito, e que corresponde a uma certa moda, a saber, todos esses miúdos incidentes de seu comportamento que um analista que *tem um olho* sabe detectar. “Neste, nos diz ela, eu não o ouço nunca chegar”. Entendemos no contexto que chegamos no seu escritório subindo uma escada: “Há aqueles que sobem de dois em dois degraus, e estes, eu os detecto por um *ptf, ptf*. A palavra inglesa [a thud] não tem equivalente: em inglês quer dizer um ruído opaco, surdo, esse barulho que um pé tem sobre um degrau de escada coberto por um tapete, e que se torna um pouco mais forte quando subimos dois degraus de cada vez. “Um outro está chegando, se precipita...”. Todo o capítulo é assim, e ele é literariamente bem saboroso. É, por sinal, puro desvio, pois a coisa importante é o que faz o paciente.

O paciente tem essa atitude de uma perfeita correção, um pouco rígida, “que não muda nunca. Ele só vai na direção do divã de um único modo. Ele faz sempre um pequeno salto, perfeitamente convencional, com o mesmo sorriso, um sorriso gentil, que não tem nada de forçado e que também não recobre, de modo manifesto, suas intenções hostis”. Aqui, o tato da analista orienta-se muito bem, “ele não tem nada que possa revelar que uma coisa parecida possa existir. [...] nada é deixado ao acaso, as roupas são perfeitamente corretas [...] nenhum cabelo se mexe, [...] ele se instala, cruza as mãos, ele é bem tranquilo”, e, nunca, nenhuma espécie de evento imediato e incomodativo como poderia ser o fato de que justamente antes de partir, sua empregada lhe tenha feito alguma, ou o tenha atrasado; nós só saberemos disso depois de um longo momento, totalmente no fim da sessão, ou até mesmo na sessão seguinte. “O que ele contará durante a hora toda, ele o fará de um modo claro, com uma excelente dicção, sem nenhuma hesitação, com muitas pausas. Dessa voz distinta e perfeitamente igual, ele expressa tudo que pensa e nunca acrescenta a ela o que ele sente”.

O que deve se pensar de uma distinção do pensamento e do sentimento, é claro, nós seremos todos da mesma opinião diante de uma apresentação como essa, o importante, evidentemente, é saber o que significa esse modo particular de comunicação. Todo analista pensaria que há aí, nesse sujeito, uma coisa que ele teme, um tipo de esterilização do texto da sessão, esse algo que deve fazer desejar ao analista que tenhamos na sessão alguma coisa de mais vivido. Mas, naturalmente, o fato de se expressar assim deve bem ter também um sentido. É a ausência de sentimentos, como ela se expressa, não é, no entanto, alguma coisa que não tenha absolutamente nada para trazer na rubrica do capítulo sentimental.

Agora há pouco falei do afeto como dizendo respeito à relação do sujeito ao ser e revelando-a. Nós devemos nos perguntar aquilo que, nessa ocasião, pode, por essa via, comunicar. É ainda mais oportuno se perguntar, que é bem sobre isso, nesse dia, que se

abre a sessão. E a discordância que há entre o modo pelo qual a analista aborda um problema desse tipo de [...] passando diante dela, e a maneira que ela mesma nota-o, surpreende-a, mostra bem que tipo de passo suplementar deve ser feito sobre a posição ordinária do analista para justamente apreciar aquilo de que forma está, especialmente nesse caso. Pois o que começa a se abrir aí, nós o veremos mais e mais se abrir, até a intervenção final da analista e seu fruto estupendo. Pois é estupendo não somente que isso seja produzido, mas que seja consignado como uma interpretação exemplar, por seu lado frutífero [*fructuel*] e satisfatório.

A analista nesse dia é atingida disso, que no meio desse quadro, que se distingue por uma severa rigidez, uma postura “quadrada” do sujeito para com ele mesmo, alguma coisa se produz que ela nunca até então ouvira. Ele chega na sua porta, e, bem antes de entrar, ele faz, “hum, hum!” Isso ainda não é demais, é a mais discreta das tosses. É uma mulher muito brilhante, tudo o indica por seu estilo; ela foi alguma coisa como professora antes de ser analista, e é um ponto muito bom de saída para a penetração dos fatos psicológicos. E é certamente uma mulher de um grande talento.

Ela entende essa “pequena tosse”, como a chegada da pomba na arca de Noé. É um anúncio, essa tosse: há, em algum lugar, atrás, o lugar onde vivem sentimentos. “Oh, mas eu nunca vou lhe falar disso, pois se eu disser uma palavra, ele vai esconder tudo!”, é a posição clássica em tal caso, nunca fazer uma observação para um paciente em uma certa etapa de sua análise, no momento em que se trata de vê-lo vir, sobre seu comportamento psíquico - seu modo de tossir, de se deitar, de abotoar ou de desabotoar o seu terno, tudo aquilo que comporta a atitude motora reflexiva a respeito dele mesmo, na medida em que possa ter um valor de sinal, enquanto toca profundamente ao que é do registro narcísico.

É aí que se distingue a potência, a dimensão simbólica, na medida em que se estende, se esparrama sobre tudo aquilo que é do registro vocal; é que a mesma regra não se aplicará, de forma alguma, em alguma coisa como “uma pequena tosse”, porque uma tosse, seja o que for, e independentemente do que isso dá pela impressão de um evento puramente somático, isso é da mesma dimensão que esses “hum, hum...”, esses “é, é...” que certos analistas utilizam algumas vezes, de fato, decisivamente, e que tem, decididamente, todo o alcance de um relançamento.

A prova é que para sua grande surpresa é a primeira coisa da qual lhe fala o sujeito. Ele lhe diz, muito exatamente, com sua voz ordinária, perfeitamente igual, mas muito deliberada:

“Eu estou notando essa pequena tosse que tive logo antes de entrar no aposento. Esses últimos dias eu tossi, eu notei, e eu me pergunto se você a notou. Hoje, quando a recepcionista, que está em baixo, me disse para subir, eu preparei meu espírito me dizendo que não queria tossir. E, para meu grande incômodo, eu, no entanto, tossi quando terminei de subir a escada. É realmente incômodo que uma coisa semelhante possa lhe acontecer, chato, ainda mais chato que lhe aconteça a você e por você, por si só (entendam), o que você não pode controlar e o que você não controla. Nos perguntamos para que serve uma tal coisa, nos perguntamos porque é que isso pode acontecer, qual *purpose* pode bem estar servido por uma pequena tosse deste tipo.

O analista adianta com a prudência da serpente, e relança: “Mas sim, a qual propósito isso poderia servir?”.

“Evidentemente, diz ele, é uma coisa que somos capazes de fazer se entramos em um quarto onde há amantes”. Ele conta que fez alguma coisa parecida na sua infância, antes de entrar no quarto onde estava seu irmão com a sua *girl-friend*. Ele tossiu antes de entrar porque pensou que estavam talvez se beijando, e que mais valia a pena que eles parassem antes e que dessa forma se sentiriam menos embaraçados do que se ele os houvesse surpreendido.

Ela relança: “Para quê isto poderia servir, que você tossisse antes de entrar aqui?”

- **“Sim, é um pouco absurdo, diz ele, porque naturalmente eu não posso me perguntar se há alguém aqui, pois se me disseram lá embaixo para subir é que não havia mais ninguém. [...] Não há nenhuma espécie de razão que eu possa ver para essa pequena tosse. Isto me remete, na memória, uma fantasia, um fantasma que eu tive outrora (quando era criança). Era um fantasma que dizia respeito a isto, estar num quarto onde eu não deveria ter estado, e pensar que alguém poderia entrar pensando que eu estava lá. Então, pensava, para impedir que qualquer pessoa entre, *coming in*, e me encontre ali, eu poderia latir como um cão. Isto disfarçaria minha presença, porque aquele que poderia entrar, se diria: “Oh, é só um cachorro que está aí!”**

- **“A *dog*”**, relança a analista com prudência.

- **“Isto me lembra, continua o paciente bem à vontade, um cão que veio se esfregar contra a minha perna, realmente ele se masturbava. E eu tinha bastante vergonha de lhe contar isto porque eu não o parei, deixei-o continuar, e alguém poderia ter entrado”.** Nisto ele tosse ligeiramente e é em cima disso que ele engata seu sonho.

Nós retomaremos isto em detalhe da próxima vez mas, de antemão, será que nós não vemos aqui a lembrança mesma do sonho? Nós vemos que aqui, a lembrança mesmo do sonho veio de imediato, depois de uma mensagem que, segundo todas as probabilidades, – e por sinal, o autor, é claro, não duvidará disso, e o fará entrar na análise do sonho, e perfeitamente no primeiro plano – esta “pequena tosse” era uma mensagem, mas trata-se de saber de que.

Mas ela era, por outro lado, na medida em que o sujeito falou, isto é, na medida em que ele introduziu o sonho, uma mensagem do segundo grau, ou seja, da maneira mais formal, não inconsciente: uma mensagem, que era uma mensagem, já que o sujeito simplesmente não disse que ele tossia. Teria ele dito mesmo “eu tossi”?, já seria uma mensagem, mas além do mais, ele disse; “eu tossi e isto quer dizer alguma coisa”, e, de imediato, começa a nos contar histórias que são singularmente sugestivas. Isso quer evidentemente dizer: “Eu estou aí, se você está fazendo alguma coisa que lhe agrada e que não lhe agradaria que fosse visto, é hora de acabar com isto”.

Mas não seria ver justamente do que se trata se nós não levarmos em conta também aquilo que, ao mesmo tempo, é trazido. É, a saber, isso que se apresenta como tendo todos os aspectos do fantasma; primeiro, porque o sujeito o apresenta como tal, e como um fantasma desenvolvido na sua infância, e ainda mais porque, talvez, se o fantasma “se [desenvolveu] em relação a um outro objeto, fica claro que nada se realiza melhor do que esse fantasma, aquele do qual ele nos fala quando nos diz: “eu pensei dissimular minha presença – eu direi como tal, como presença de me ver, o sujeito, num quarto – muito

precisamente fazendo alguma coisa da qual é bem evidente que seria perfeita para chamar a atenção, a saber, latir”.

Isso tem bem todas as características do fantasma que preenche melhor as formas do sujeito, enquanto efeito do significante de que ele se encontra paramentado. É, a saber, do uso, pela criança, daquilo que se apresenta como sendo já significantes naturais, para servir de atributos a alguma coisa que se trata de significar (a criança que chama um cachorro, “uau, uau”). Aí nós estamos incluídos numa atividade fantasmática: é o próprio sujeito que se atribui o “uau, uau”. Se, em suma, aqui, ele se encontra a assinalar sua presença, de fato, ele assinala justamente, enquanto que no fantasma – esse fantasma sendo perfeitamente inaplicável – é pela sua manifestação mesmo, pela sua palavra mesmo que ele é suposto se fazer outro que aquele que ele é, se banir até, do domínio da palavra, se fazer animal, se tornar ausente, naturalizado, literalmente. Não iremos verificar que ele está aí porque ele se terá feito, apresentado, articulado muito bem em um significante, o mais elementar, como não sendo “Não há nada aí”, mas literalmente “não há ninguém”. É verdadeiramente, literalmente, aquilo que nos anuncia o sujeito, no seu fantasma: enquanto eu estou em presença do outro, eu não sou ninguém. É o “Onde está ele?” de Ulisses frente ao Cíclope⁸.

Só são aí elementos, mas nós vamos ver, impulsionando mais além a análise, que é aquilo que o sujeito associou ao seu sonho que vai nos permitir ver como se apresentam as coisas, a saber, em que sentido e como, é ele alguém. A coisa não vai sem correlativos do lado precisamente do outro de que se trata aí, de avisar, a saber, no caso que se encontra ser, como no sonho, uma mulher – aquilo que certamente não está à toa na situação, essa relação com a mulher como tal. O que vai nos permitir articular, a propósito, algo que o sujeito não é, não pode ser, vocês verão, é alguma coisa que nos dirigirá para o mais fundamental, nós o dissemos, dos símbolos referentes à identificação do sujeito. Se o sujeito quer absolutamente que, como tudo o indica, sua parceira feminina se masturbe, cuide de si mesma, é seguramente para que ela não cuide dele. Porque ele não quer que ela cuide dele, e como ele não quer, é também aquilo que hoje, no final normal do tempo que nos foi atribuído para esta sessão, não nos permite articular, e que nós deixaremos para a próxima vez.

⁸ HOMERO, *Odisseia* (trad. V. Bérard), Paris, 1955, La Pléiade, Gallimard, Rhapsodie IX, p. 674-676.